

DISCUSSÃO É GUERRA: USOS DO CONECTOR “MAS”

Naira de Almeida Velozo
nairavelozo@hotmail.com

A mediação é uma forma alternativa de resolução de conflitos, praticada, com sucesso, em muitos países como Argentina, Israel, França, Canadá, EUA e Espanha. No Brasil, os processos de mediação foram possibilitados pela Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990.

Levanta-se a hipótese de que os usos do conector “mas” selecionados neste artigo, os quais foram retirados de uma sessão de mediação endoprocessual, são estruturados pela metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Em vista disso, objetiva-se analisar, a partir da perspectiva sociocognitivista, como esses usos são estruturados por tal metáfora.

A análise dos exemplos selecionados fundamenta-se na teoria da metáfora conceptual, sobretudo no conceito de metáfora estrutural; na noção de modelos cognitivos idealizados (MCIs); e no princípio de projeção entre domínios conceptuais.

1. Metáfora: a perspectiva sociocognitivista

De acordo com Lakoff e Johnson, a metáfora não é apenas um recurso da imaginação poética ou um ornamento retórico, mas “está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 45).

Esses autores afirmam que os processos do pensamento são, em grande parte, metafóricos, logo, existem metáforas no sistema conceptual humano, as quais tornam possíveis as metáforas como expressões linguísticas. Dessa forma, metáfora, na visão de Lakoff e Johnson, é entendida como *conceito metafórico*.

Neste trabalho, escolheu-se refletir acerca da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA. Vê-se que essa metáfora está presente na linguagem cotidiana, como em expressões do tipo: “Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação”, “Jamais *ga-*

nhei uma discussão com ele” e “*Destruí* sua argumentação” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 46).

A partir desses exemplos, observa-se que a linguagem usada para falar acerca de *discussão* é sistemática, como demonstram as seguintes pistas linguísticas: *atacar uma posição, ganhar e destruir*. Tendo em vista esse aspecto sistemático, usos do conector “mas” foram selecionados, neste artigo, como evidências linguísticas para se defender que a metáfora não está presente unicamente nas palavras escolhidas, mas no próprio conceito de *discussão*.

Sabe-se que as metáforas dividem-se em três tipos: estruturais, orientacionais e ontológicas. Para os fins deste artigo, comenta-se apenas acerca das metáforas estruturais, já que DISCUSSÃO É GUERRA se insere nesse tipo de metáfora.

2. *As metáforas estruturais*

As metáforas estruturais permitem que se use “um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar outro conceito” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 134). Dessa forma, DISCUSSÃO É GUERRA trata-se de uma metáfora estrutural, pois permite que se conceptualize uma discussão racional em termos de um confronto físico. Assim, mesmo em uma discussão sem confronto físico, ataca-se, defende-se e se contra-ataca, utilizando os meios verbais disponíveis, ou seja, intimidando, ameaçando, apelando à autoridade, insultando, subestimando, desafiando a autoridade, evitando assuntos, negociando, elogiando, e tentando oferecer “razões racionais”. Frequentemente, todas essas táticas podem ser apresentadas como razões racionais para se defender um ponto de vista ou para se conseguir o que deseja. A seguir, destacam-se alguns exemplos de uso dessas táticas:

...porque eu sou maior do que você (intimidando); ...porque se você não..., eu vou... (ameaçando); ...porque eu sou o patrão (apelando à autoridade); ...porque você é tolo (insultando); ...porque você geralmente faz isso errado (depreciando); ...porque eu tenho tanto direito quanto você (desafiando a autoridade); ...porque eu te amo (evitando determinado assunto); ...porque se você quiser..., eu farei... (negociando); ...porque você é muito melhor nisso (elogiando). (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.135)

Os mundos acadêmico, legal, diplomático, eclesiástico e jornalístico enxergam tais táticas como proibidas, já que pretendem apresentar uma forma ideal de discussão racional. Nesses mundos, o estabelecimento de premissas, a citação de evidências que as sustentem e a geração de conclusões lógicas são as únicas táticas permitidas. Observa-se, contudo, que mesmo as discussões racionais, em sua forma ideal, desenvolvem-se em termos de *guerra*, visto que há uma posição a ser defendida, há um oponente cuja posição se tenta destruir, e se pode vencer ou perder a discussão.

É interessante notar que, embora não se tenha experienciado uma luta ou uma guerra, concebe-se discussão e discute-se de acordo com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, quando tal metáfora faz parte do sistema conceptual da cultura em que se vive.

Na próxima seção, comenta-se acerca do princípio de projeção, o qual possibilita a existência das metáforas estruturais.

3. *Projeções entre domínios conceptuais*

De acordo com a perspectiva cognitivista, não há necessidade de se diferenciar conhecimento linguístico de conhecimento não linguístico. Dessa forma, para se compreender uma estrutura linguística, deve-se levar em consideração os processos de pensamento subjacentes à utilização de tal estrutura e a adequação desse uso aos contextos reais nos quais essas estruturas são construídas. Vê-se, pois, que há uma relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência.

Considerando a forma linguística como uma pista para se compreender as complexas tarefas cognitivas associadas à linguagem, entende-se que o sentido não é uma propriedade intrínseca da linguagem, mas resulta de uma atividade conjunta, associada a processos de projeção e de transferência entre domínios conceptuais.

Como esclarece Martelotta, os *domínios conceptuais* ou conjuntos de conhecimentos estruturados “são espaços de referenciação ativados quer por formas linguísticas, quer pragmaticamente, ajudando a construir, assim, os significados” (MARTELOTTA, 2008, p. 184). Tais domínios são de duas naturezas: domínios estáveis e do-

mínios locais. Neste artigo, considera-se apenas os domínios estáveis.

Na definição de Martelotta (2008), os domínios estáveis são:

Conjuntos de conhecimentos armazenados na memória pessoal ou social, que se constituíram historicamente como uma herança da espécie humana, ou seja, é um conjunto de informações que o homem aprendeu a partilhar. (MARTELOTTA, p. 185)

Esses domínios subdividem-se em três tipos: *modelos cognitivos idealizados*, *molduras comunicativas* e *esquemas imagéticos*. Dentre tais domínios, apenas o primeiro será abordado.

Os *modelos cognitivos idealizados* (MCIs) são estruturas por meio das quais se organiza o conhecimento. Para compreender melhor esse conceito, observa-se o termo “domingo”. Tal termo é normalmente compreendido em relação a um determinado domínio semântico ou MCI: a semana de sete dias.

Enfatiza-se que a construção do sentido implica o estabelecimento de conexões entre domínios cognitivos. Essas conexões ocorrem por meio de um processo chamado projeção. *Projeções de domínios conceptuais estruturados ou MCIs* consistem em tomar a estrutura de um determinado domínio, chamado de domínio-fonte, para falar ou pensar outro domínio, chamado de domínio-alvo. Neste artigo, observa-se como a estrutura do domínio GUERRA é parcialmente tomada para se falar ou pensar o domínio DISCUSSÃO.

A diferença básica entre uma conversa e uma discussão é a sensação de estar em uma batalha, uma vez que alguns traços característicos desta podem ser observados naquela: um dos participantes tem uma opinião que considera importante e que o outro não aceita; pelo menos um dos participantes deseja que o outro desista de sua opinião, e isso cria um entendimento de que há algo a ser ganho ou perdido; percebe-se o envolvimento em uma discussão quando se nota a própria posição sob ataque ou quando se sente necessidade de atacar a posição do outro participante; e, principalmente, nota-se que a conversa tornou-se uma discussão quando o interesse maior é tentar fazer a opinião do outro ser desacreditada, enquanto se tenta manter a própria posição. Em vista disso, considera-se discussão uma conversa em que o elemento de cooperação polida pode desaparecer.

Apesar de não ser um combate real, a estrutura desse tipo de conversa assume aspectos da estrutura de guerra, a qual influencia nas atitudes dos participantes. Sendo assim, um participante experiencia o outro como um adversário, ataca a posição desse, defende a sua própria posição e tenta fazer o adversário render-se. A reestruturação da conversa em termos da estrutura de guerra pode ser vista a partir das características a seguir:

Você tem uma opinião que considera importante. (ter uma posição); O outro participante não concorda com você. (ter uma posição diferente); É importante para vocês dois, ou pelo menos para um de vocês, que o outro desista de sua opinião (render-se) e aceite a do outro (vitória). (ele é seu adversário); A diferença de opiniões torna-se um conflito de opiniões. (conflito); Você pensa na melhor maneira de convencê-lo a aceitar seu ponto de vista (plano de estratégia) e considera que evidência você poderá trazer para reforçar sua questão. (forças marciais); Considerando o que você percebe como fraquezas da posição do outro, você faz perguntas e coloca objeções planejadas para forçá-lo a desistir e adotar a sua opinião. (ataque); Você tenta trocar as premissas da conversa de maneira que você fique numa posição mais forte. (manobra); Respondendo às perguntas e objeções do outro, você tenta manter sua própria opinião. (defesa); À medida que a discussão se desenvolve, há necessidade de revisão para poder manter sua visão geral. (recoo); Você pode levantar novas questões e objeções. (contra-ataque); Ou você se cansa e decide parar de discutir (trégua) ou nenhum de vocês dois consegue convencer o outro (impasse), ou um de vocês desiste (rendição). (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 156-157)

Essas características transformam uma conversa em discussão, pois correspondem a elementos do conceito de *guerra*. Tais elementos se adicionam ao conceito de *conversa* em seis dimensões.

As seis dimensões principais que estruturam uma conversa polida são: *participantes* – aqueles que assumem papel de falante e definem a conversa por aquilo que fazem e pelo papel que desempenham ao longo dessa; *partes* – cada turno de fala que compõe a conversa como um todo, as quais devem ser colocadas juntas de maneira que haja um conversa coerente; *sequência linear* – os turnos de fala dos participantes são organizados em uma sequência linear, tendo como condição geral a alternância dos falantes; *causalidade* – espera-se que o fim de um turno de fala dê início ao próximo turno; *propósito* – o propósito maior de uma conversa é manter uma interação social polida de modo razoavelmente cooperativo; *estágios* – conjun-

to de condições iniciais (coisas ditas para dar início à conversa: Olá! Como vai?) somado aos estágios começo, meio e fim.

Observando essas mesmas dimensões, nota-se o que existe do conceito de *guerra* no conceito de *conversa*. No conceito de *guerra*, tais dimensões definem-se da seguinte forma: *participantes* – pessoas ou grupos de pessoas que desempenham papel de adversários; *partes* – as duas posições, planejamento de estratégias, ataque, defesa, recuo, manobra, contra-ataque, impasse, trégua, rendição/vitória; *sequência linear* – recuo depois de ataque, defesa depois de ataque, contra-ataque depois de ataque; *causalidade* – ataque resulta em defesa, ou contra-ataque, ou recuo, ou fim; *propósito* – vitória; *estágios* – formados pelas condições iniciais, início, meio e fim. Nas *condições iniciais*, os participantes tem diferentes posições, assumem que podem defendê-las e pelo menos um deseja que o outro se renda. No *início*, um adversário ataca. No *meio*, existem combinações de defesa, de manobra, de recuo e de contra-ataque. No *fim*, ou existe uma trégua, ou um impasse, ou rendição/vitória. E como estado final tem-se a paz, ou seja, o vitorioso domina o perdedor.

Vê-se, dessa forma, que a atividade de falar é estruturada em termos de outra atividade, o combate físico. Entende-se, portanto, que discussão é uma conversa, porque a atividade de falar acontece em ambos os casos e uma discussão tem todos os traços básicos de uma conversa; e, por outro lado, considera-se DISCUSSÃO É GUERRA uma metáfora, pois se compreende que discussão e guerra são tipos de atividades diferentes, e porque *discussão* é parcialmente estruturada em termos de *guerra*, ou seja, apenas alguns elementos do domínio GUERRA são usados em termos de *discussão*. Assim, define-se a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA por meio dos seguintes critérios: diferença no tipo de atividade e estruturação parcial.

Na próxima seção, três exemplos de uso do conector “mas” serão analisados com base na fundamentação deste artigo.

4. Análise dos usos do conector “mas”

Nesta seção, analisa-se um excerto da primeira sessão de mediação de um caso que gerou, no total, cerca de sete horas de grava-

ção. Tal caso divide-se em duas entrevistas de pré-mediação e cinco sessões de mediação, as quais foram transcritas de acordo com o procedimento da análise da conversa etnometodológica.

Esse caso de mediação, o qual ocorreu no Rio de Janeiro, foi acompanhado e gravado pelo Professor Doutor Paulo Cortes Gago (UFJF), e utiliza-se a transcrição feita a partir de tal caso no projeto de pesquisa “Contextos de intervenção de terceiras partes em situação de conflito” (projeto SHA – APQ 2129, FAPEMIG).

A sessão selecionada para esta análise, que gerou quarenta e cinco minutos de gravação, trata-se do primeiro encontro de Amir e Flávia, pais de Vitor e Íris, após algum tempo de separação. Nesse encontro, a mediadora procura fazer com que ambos tentem um acordo a respeito do pedido de regulamentação de visita, feito por Amir.

É válido salientar que a prática mais comum, em Análise da Conversa, para designar quem são os participantes da interação, consiste no uso de nomes próprios (reais ou pseudônimos) para identificar os falantes no texto. No corpus, do qual os exemplos foram retirados, escolheu-se utilizar pseudônimos para identificar os participantes. Verifica-se, portanto, a seguinte distribuição no excerto selecionado: Sônia, assistente social, é a mediadora desse encontro; Amir é o requerente do processo de pedido de regulamentação de visita; Flávia é a requerida; e Vitor e Íris são filhos de Amir e Flávia.

Considera-se que a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA estrutura os usos do conector “mas” que serão discutidos. Para que se verifique essa estruturação, serão observadas táticas utilizadas pelos participantes dessa conversa.

Apresenta-se, abaixo, o excerto retirado das páginas 3 e 4 da primeira sessão desse caso de mediação:

Sônia	realmente dona:: flávia, uma das características da síndrome do pânico e da depressão, seu amir tem uma coisa e outra meio misturado, né. é isso exatamente, desse dessa embotamento, né. dessa tristeza,=
Flávia	=e isso não afeta. uma criança estando junto. o psicológico do meu filho como é que fica.
Sônia	provavelmente sim. mas esse é o pai do vitor.
Flávia	é. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é, que a gente escolheu pra si. Mas ele não é quem eu escolhi, porque

	ele é outra pessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, mu:ito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu. isso eu quero saber se afeta também se afeta a personalidade dele. porque quando eu falei aquele lance do meu namorado da minha casa, eu queria saber o que que incomodou [o meu namorado,
Sônia	[espera ae. vamos por partes.
Flávia	é, [eu quero saber se,
Sônia	[vamos por partes, e conversarmos especialmente sobre os meninos né.
Flávia	Mas é isso que eu quero ver, a personalidade dele mudou muito. NÃO é quem eu escolhi só que eu vol-, NÃO é quem eu escolhi pra casar, realmente não é. eu não conheço essa pessoa. pelas coisas que ele faz, que ele fala, que ele age,
Sônia	mas olha só dona flávia,
Flávia	ele mente.
Sônia	Mas ó, o seu amir é o pai dos meninos. É isso. TÁ colocado ASSIM. não tem como FUGIR. [esse é o pai dos meninos.]
Flávia	[você é pai da íris.] você considera a íris como sua filha.
Amir	a não ser qu-
Sônia	deixa o seu amir falar um pouquinho então dona flávia.
Amir	a não ser que você fale o contrário, mas parece que sou né.

Um pouco antes desse excerto, Flávia alega que Amir não teria condições de cuidar de seus filhos, já que o ex-marido da mediana entra em crise, algumas vezes, e fica deitado na cama, chorando. Além disso, Flávia diz que seu filho teria medo de ficar com o pai.

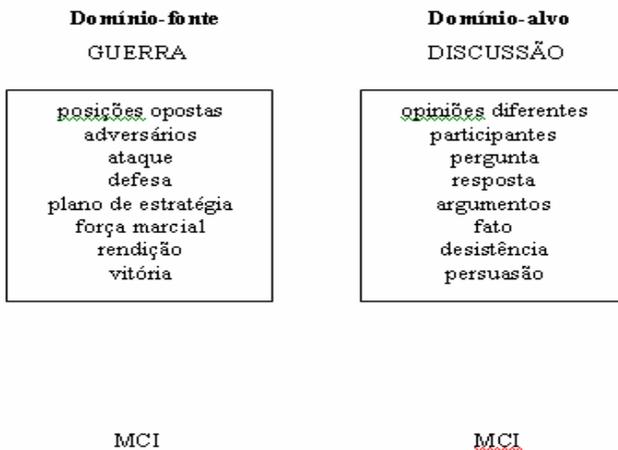
Nesse excerto, os participantes apresentam *posições diferentes*: Flávia considera que seus filhos não devem ficar com o pai e Sônia considera que é um direito do pai receber a visita dos filhos. Em vista dessas posições diferentes, o objetivo dos participantes da conversa é fazer com que o outro *se renda*, ou seja, desista de sua opinião e aceite a opinião contrária, o que para um dos participantes representaria uma *vitória*. Dessa forma, um participante experiencia o outro como *adversário*.

A diferença de opiniões entre os participantes torna-se um *conflito de opiniões*. Sendo assim, considerando a doença de Amir como uma fraqueza da posição de Sônia, Flávia faz uma pergunta, a qual ocupa o segundo turno de fala desse excerto, para forçar a mediadora a desistir de sua opinião.

A pergunta feita por Flávia é entendida como um *ataque*. Em vista disso, Sônia tenta manter sua opinião por meio de uma resposta, a qual é conceptualizada como uma *defesa*.

Cada participante pensa na melhor maneira de convencer o outro a aceitar seu ponto de vista, ou melhor, os dois participantes criam um *plano de estratégia*. Seguindo seu plano de estratégia, Flávia ataca a posição de Sônia, perguntando à mediadora se a doença de Amir não afetaria psicologicamente o filho do ex-casal. Sônia também utiliza um plano de estratégia: não discorda da alegação de Flávia, contudo, logo depois, utiliza o conector “mas” para introduzir uma evidência que reforça sua posição. A fala “mas esse é o pai do vitor”, portanto, contém uma evidência conceptualizada como uma *força marcial*.

A seguir, demonstra-se, por meio de um esquema, algumas projeções envolvidas no primeiro uso do “mas” exposto nesse excerto:



Para manter a visão de que visitar o pai não é bom para Vitor e Íris, no quarto turno de fala, Flávia retoma a afirmação *Amir é o pai que Flávia escolheu para seus filhos*, feita pela mediadora em uma outra sessão, negando-a por meio de insultos. Essa estratégia de

retomada, a qual é conceptualizada como um *recuo*, possibilita que Flávia execute uma *manobra*, ou seja, tente trocar a premissa *Amir é o pai que Flávia escolheu para seus filhos* por *Amir não é o pai que Flávia escolheu para seus filhos, pois não é mais a mesma pessoa*. Com essa manobra, Flávia pretende colocar-se em uma posição mais forte do que a da mediadora, para atacar a posição de Sônia - *o pai deve passar um tempo com os filhos* - e forçá-la a adotar outra posição (*render-se*).

Como se verifica no trecho “quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, muito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu.”, Flávia, primeiramente, elogia o ex-marido, para depois alegar, por meio da negação, que Amir não possui mais as mesmas qualidades. Esses elogios funcionam como uma justificativa para a escolha de ter filhos com Amir, a qual Flávia fez no passado, e também fazem parte do *plano de estratégia* adotado pela mediadora.

Apresenta-se, abaixo, algumas projeções que fundamentam o uso do “mas” nesse segundo caso:

Domínio-fonte GUERRA	Domínio-alvo DISCUSSÃO
adversários posições opostas plano de estratégia recuo manobra ataque rendição	participantes opiniões diferentes elogio retomada troca de premissa insultos desistência
MCI	MCI

No contexto em que esse excerto se insere, vê-se que Amir é mais próximo de seu filho do que de sua filha. De acordo com Flávia, Amir não procura se aproximar da filha, porém, esse participante nega a acusação da ex-mulher, dizendo que está tentando se aproximar aos poucos da menina.

Nesse excerto, nota-se que Flávia considera o fato de Amir não estar conseguindo se aproximar da filha como uma fraqueza de seu adversário, já que a medianda *ataca* a posição social de pai do ex-marido, questionando se Amir é realmente pai da menina, uma vez que as atitudes desse participante não estariam condizendo com o papel de pai.

Amir, por sua vez, *contra-ataca* o argumento subentendido no questionamento de Flávia - *Amir não é o pai da Íris porque não dá atenção a ela* -, levantando uma nova questão, a qual põe em dúvida a honestidade de sua ex-mulher: “a não ser que você fale o contrário, mas parece que sou né.”

Nesse último caso, o conector “mas” introduz uma nova pergunta, a partir da qual se infere a resposta de Amir. Além disso, subentende-se uma *força marcial* nesse questionamento: o fato biológico de que Amir é o pai das crianças.

Em vista dessa análise, observa-se o seguinte esquema:



5. Considerações finais

Verifica-se que, em nossa sociedade, uma discussão dita racional é marcada pela argumentação, a qual é experienciada em termos de um confronto físico. Dessa forma, nota-se que a estrutura

desse tipo de conversa assume aspectos da estrutura de GUERRA, o que influencia nas atitudes dos participantes.

No excerto selecionado, observa-se que os usos do “mas” analisados são fundamentados pela metáfora conceptual estrutural DISCUSSÃO É GUERRA, pois esse conector introduziu, em todos os casos, elementos do domínio conceptual GUERRA para se falar a respeito do domínio DISCUSSÃO. Dentre esses elementos destacam-se: *adversários, posições contrárias, ataque, defesa, contra-ataque, plano de estratégia, forças marciais, recuo, manobra, rendição e vitória*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELONA, Antonio. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 299-320.

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Gramática: Uma perspectiva sociocognitiva. In: CHIAVEGATTO, Valeria Coelho (Org.). *Pistas e travessias II: bases para o estudo da gramática, da cognição e da interação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

DURANTI, Alessandro. Trocas conversacionais. Tradução de Letícia Loder. In: _____. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GAGO, Paulo Cortes. *A organização sequencial da conversa*. Calidoscópio, v. 03, n. 02, p. 61-73, maio/agosto de 2005.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 163-192.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC/Mercado de Letras, 2002.

MARTELOTTA, M.E. & PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: Martelotta, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, H. M. M. Pressuposição. In: *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 2006, p. 12-15 e 52-58.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. *Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa*. Language, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SAMPAIO, Lia Regina Costaldi & BRAGA NETO, Adolfo. *O que é mediação de conflitos*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos; 325).

SARDINHA, Tony Beber. Metáforas da empresa. In: *Metáforas*. São Paulo: Parábola, 2007.